



Efeitos Psicossociais do Bullying: Como a Ansiedade se Manifesta em Adolescentes Vítimas no Ambiente Escolar

Psychosocial Effects of Bullying: How Anxiety Manifests in Adolescent Victims in the School Environment

Sarah de Oliveira Ferreira

Maria Eduarda Valente da Silva

Resumo: A ansiedade social na adolescência está entre os principais fatores de risco para o desenvolvimento de prejuízos emocionais e comportamentais duradouros, especialmente quando associada à vivência de situações recorrentes de bullying no ambiente escolar. A presença de agressões físicas, verbais e simbólicas nesse contexto contribui para o surgimento de sintomas como medo intenso de avaliação negativa, evitação de interações sociais, rebaixamento da autoestima e comprometimento da identidade em formação. O objetivo deste estudo é discutir a relação entre bullying e ansiedade social em adolescentes, analisando os impactos psicossociais dessa associação no desempenho acadêmico, nas relações interpessoais e na saúde mental a longo prazo, fazendo uso para isto, de uma revisão bibliográfica sistemática. Foram identificadas evidências de que a exposição ao bullying constitui um fator desencadeante ou agravante do Transtorno de Ansiedade Social, cujos efeitos podem se prolongar até a vida adulta, afetando significativamente a qualidade de vida. A compreensão dessa dinâmica aponta para a necessidade de intervenções sistemáticas no ambiente escolar, bem como para o fortalecimento de estratégias de prevenção e promoção da saúde mental entre adolescentes em situação de vulnerabilidade psicossocial.

Palavras-chave: bullying; ansiedade social; fobia social; psicologia; adolescência.

Abstract: Social anxiety during adolescence is among the main risk factors for the development of long-term emotional and behavioral impairments, especially when associated with recurring experiences of bullying in the school environment. The presence of physical, verbal, and symbolic aggression in this context contributes to the emergence of symptoms such as intense fear of negative evaluation, avoidance of social interactions, lowered self-esteem, and a compromised sense of identity. The aim of this study is to discuss the relationship between bullying and social anxiety in adolescents, analyzing the psychosocial impacts of this association on academic performance, interpersonal relationships, and long-term mental health. Evidence indicates that exposure to bullying is a triggering or aggravating factor of Social Anxiety Disorder, whose effects may persist into adulthood, significantly affecting quality of life. Understanding this dynamic highlights the need for systematic interventions in the school setting, as well as the strengthening of strategies for the prevention and promotion of mental health among adolescents in psychosocial vulnerability.

Keywords: bullying; social anxiety; social phobia; psychology; adolescence.

INTRODUÇÃO

O ambiente escolar é um dos primeiros campos de socialização do indivíduo na sociedade contemporânea. É nesse ambiente que crianças e adolescentes

desenvolvem aspectos fundamentais de sua personalidade, crenças, habilidades sociais e visão de mundo. Contudo, as interações que ocorrem no contexto escolar nem sempre se traduzem em experiências saudáveis e acolhedoras. Em alguns casos, relações permeadas por atitudes agressivas e excludentes podem gerar impactos negativos significativos na saúde mental dos estudantes.

Nesse sentido, assim como a interação social pode ser promotora de saúde, a mesma pode ocasionar adoecimentos. Entre as formas de violência que comprometem o bem-estar no ambiente escolar, o bullying tem se mostrado uma das mais recorrentes. Trata-se de uma prática repetitiva, intencional e agressiva, direcionada a um ou mais indivíduos em uma relação desigual de poder, que compromete a dignidade da vítima e interfere negativamente em seu desenvolvimento pessoal e acadêmico. Dentre os possíveis efeitos psicossociais do bullying, a ansiedade social surge como uma condição que merece destaque e ser estudada, por estar associada à evitação de interações, retração emocional e dificuldades na construção de vínculos.

A relevância do estudo é evidenciada por dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022), que apontam que mais de 40% dos estudantes brasileiros já relataram ter sido vítimas de bullying. Tal cenário reforça a urgência de aprofundar a discussão sobre os efeitos dessa violência cotidiana na saúde mental dos adolescentes, especialmente quando associada ao surgimento ou agravamento de quadros como o Transtorno de Ansiedade Social (TAS).

Diante disso, este estudo tem como objetivo analisar de que forma o bullying influencia no desenvolvimento da ansiedade social em adolescentes, especialmente no período do ensino médio, e quais são as implicações dessa condição para sua socialização, saúde emocional e desempenho acadêmico. O problema que orienta esta pesquisa é: de que forma o bullying influencia no desenvolvimento da ansiedade social em adolescentes e quais são as implicações para sua socialização e desempenho escolar? Para responder a essa questão, o trabalho propõe como objetivos específicos descrever as características do bullying, identificar os sintomas de ansiedade social em adolescentes vítimas dessa prática e explorar os impactos dessa condição sobre a participação em atividades escolares e nas interações sociais.

Dessa forma, entende-se como de suma importância o debate sobre os impactos do bullying e sua relação com o desenvolvimento ou desencadeamento do Transtorno de Ansiedade Social (TAS) em adolescentes, em especial na fase de ensino médio, e quais são suas implicações na saúde, comportamento, cotidiano e rendimento escolar das vítimas afetadas.

MATERIAIS E MÉTODOS

O método de pesquisa a ser realizada se classifica como uma Revisão Bibliográfica Sistemática, onde serão resgatados diversos artigos científicos, dados de pesquisa e livro referente a temática do bullying no ambiente escolar e ansiedade

social, com o objetivo de obter um entendimento mais amplo dessa problemática, sob a luz de pesquisas que já foram publicadas sobre o assunto.

Serão utilizados trabalhos obtidos através das buscas feitas com as palavras-chave: “bullying”, “ansiedade”, “ansiedade social”, “bullying nas escolas” e “adolescentes” no endereço eletrônico Google Acadêmico, no banco de dados do IBGE e site do Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz). O período dos artigos pesquisados será os trabalhos publicados nos últimos 20 anos.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Histórico e Definição do Bullying

A princípio, o bullying pode ser compreendido como:

Uma palavra inglesa, uma forma de gerúndio, usada para definir um fenômeno, cujo autor é chamado de Bully, palavra esta que se traduz como “brigão e valentão”, utilizado para designar a prática desses atos agressivos, intencionais e repetidos, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro, causando dor e angústia, e executados dentro de uma relação desigual de poder (De Lima *et al.*, 2020, p. 102).

Segundo, Paias e Almeida (2008 *apud* De Lima e De Carvalho, 2020), o primeiro estudioso a relacionar a palavra ao fenômeno foi Dan Olweus, na década 1970, professor da Universidade da Noruega. Ao pesquisar as tendências suicidas entre adolescentes, Olweus descobriu que a maioria foi submetida às diversas formas de maus tratos, ou seja, foram vítimas de bullying e que esses eram um mal a combater.

Desse modo, o bullying pode ser entendido como uma manifestação de violência física e/ou psicológica que é capaz de gerar severas consequências às vítimas, principalmente durante a fase da adolescência. De acordo com a Fundação Oswaldo Cruz (2019), “bullying é um termo da língua inglesa utilizado para se referir a atos de intimidação e violência física ou psicológica”, que podem levar a um grande nível de sofrimento por parte da vítima, principalmente em uma fase tão crucial como a adolescência, na qual a aceitação social possui um papel norteador para o bom desenvolvimento das habilidades sociais e na aprendizagem em lidar com desafios e momentos de tensão do cotidiano (Lopes Neto, 2005).

Nesse sentido, a natureza do bullying é baseada na relação de poder desigual existente entre duas pessoas ou mais, na qual a sensação de necessidade de controle e submissão da vítima se mostra satisfatória para o autor da violência (Matos *et al.*, 2009). Esse cenário, no qual o agressor se sente no controle da situação, faz com que a vítima se sinta inferior, gerando assim, medo intenso de interações sociais e receio de ser julgada por terceiros.

Não é possível limitar o bullying apenas como uma situação isolada de violências, esse ato é principalmente caracterizado por ser uma agressão contínua e repetitiva reforçando a submissão e inferiorização da vítima perante o agressor. Essa inferiorização decorrente do bullying, as quais acontecem com maior intensidade e recorrência nas escolas, pode levar ao isolamento, à evitação de situações sociais e a um comprometimento na autoestima do adolescente, como já mencionado anteriormente.

Por conseguinte, o bullying pode se apresentar de diferentes formas no ambiente escolar, ocasionando As agressões físicas e verbais, apelidos e ameaças, por exemplo, são considerados bullying direto. Já o bullying considerado indireto, é caracterizado por acontecer de forma mais disfarçada, ou seja, sem a existência de um confronto direto e por consequência, o bullying indireto pode ser mais difícil de ser percebido, além de levar a vítima exclusivamente ao isolamento social . Dessa forma, atitudes de indiferença, isolamento, difamação, exclusão caracterizam o bullying indireto (De Lima e De Carvalho, 2020).

Sancionada em 20 de dezembro de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) é a principal legislação que regula a educação no Brasil, Suas principais articulações estão na estrutura da educação nacional, na obrigatoriedade da Educação Básica, estabelece princípios pedagógicos e regula formação de professores (Brasil, 1996). Ademais, Silva *et al.* expõe que “a gravidade do bullying e seus efeitos devastadores nas vítimas motivaram alterações na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB no 9.394/96)” (Brasil, 2024, p. 107).

A Lei no 13.663/2018, que altera a LDB (Lei nº 9.394/96) e reforça a importância da participação da comunidade escolar e do combate à violência no ambiente educacional (Brasil, 2018 *apud* Silva *et al.*, 2024), incluiu a responsabilidade dos estabelecimentos de ensino promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todas as formas de violência, além de fomentar a cultura de paz. O enfrentamento do bullying e da violência escolar demanda a colaboração de diversos setores, tanto dentro quanto fora da escola (Silva *et al.*, 2024). A Lei nº 13.663/2018 reflete, assim, a compreensão de que a educação de qualidade não se limita ao aprendizado acadêmico, mas também à criação de um ambiente saudável, no qual não há a prática de violência.

Ainda, é mencionado que:

As contribuições indispensáveis do psicólogo para a construção de um ambiente escolar mais seguro e acolhedor, depara-se com uma reflexão sobre a violência no ambiente escolar, exigindo a necessidade de considerar diversos aspectos, como a estruturação e concepção familiar, social, histórica e cultural que moldam as especificidades de seu público-alvo. Além disso, é fundamental analisar as influências e os objetivos educacionais delineados pelas instituições de ensino, pois esses fatores desempenham um papel crucial no processo de desenvolvimento e formação de cada estudante (Silva *et al.*, 2024, p. 107).

Em suma, psicólogo escolar vai além do atendimento individual, sendo fundamental para a construção de um ambiente seguro e acolhedor para os alunos. Os autores anteriormente citados, enfatizam que o enfrentamento da violência escolar – bullying – deve considerar fatores familiares, sociais e institucionais, pois esses contextos influenciam diretamente o comportamento e o desenvolvimento dos indivíduos.

Dessa maneira, é essencial reconhecer o bullying como uma forma contínua de violência baseada na desigualdade de poder e na repetição de comportamentos hostis — sejam físicos, verbais ou simbólicos. Além de enfatizar que, os seus efeitos vão além do instante da agressão, física ou verbal, e eles impactam significativamente a autoconfiança, a saúde emocional e as interações sociais das pessoas afetadas, principalmente na adolescência.

Ansiedade Social: Definição, Sintomas e Consequências

Segundo American Psychiatric Association (2013) o Transtorno de Ansiedade Social (TAS) ou Fobia Social (FS) é um medo irracional e acentuado do indivíduo se expor a situações sociais que correm o risco de serem avaliados e julgados por outras pessoas presentes no local. O principal medo vivenciado pelos indivíduos com TAS é justamente ser o foco das atenções em algum tipo de grupo social, podendo, de alguma forma, demonstrar qualquer tipo de fraqueza ou falha perante outras pessoas, o qual acarretaria em uma avaliação negativa e possível rejeição por parte do coletivo (Burato *et al.*, 2009).

De acordo com Gouveia (2000), apesar de a resposta ansiosa ser um ato adaptativo comum, com importância substancial para a defesa e desenvolvimento individual, quando essa se apresenta em grande nível - como os efeitos da fobia social - pode prejudicar o desempenho das habilidades de comunicação, causando comportamentos evitativos e uma vida diária severamente limitada, repercutindo em grande sofrimento para indivíduo com tal transtorno.

Ainda, é necessário destacar a diferença entre o Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) do Transtorno de Ansiedade Social (TAS), que apesar de terem bases emocionais semelhantes, se distinguem nos seus eventos causais. Assim, O Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais (2014, p. 207) os diferencia citando que:

Preocupações sociais são comuns no transtorno de ansiedade generalizada, mas o foco é mais na natureza das relações existentes do que no medo de avaliação negativa. Os indivíduos com transtorno de ansiedade generalizada, particularmente crianças, podem ter preocupações excessivas acerca da qualidade do seu desempenho social, mas essas preocupações também são pertinentes ao desempenho não social e a quando o indivíduo não está sendo avaliado pelos outros. No transtorno de ansiedade social, as preocupações focam no desempenho social e na avaliação dos demais.

Nesse sentido, a pessoa que sofre de TAS teme constantemente ser julgada como ansiosa, frágil, irracional, incapaz, entediante, medrosa, inadequada ou desagradável. Estudos realizados na América do Norte e na Europa indicam que o início pode ocorrer desde a infância, sendo a idade média prevalente entre 8 e 15 anos, ocasionalmente, podendo ser desencadeado por uma experiência estressante ou humilhante - como ser vítima de bullying - ou se desenvolver de forma gradual, aparecendo lentamente ao longo do tempo (APA, 2014).

Cabe destacar também que a fobia social pode ser identificada em dois subtipos, que estão ligados a sua frequência de aparições, como é elaborado por Gouveia (2000). A ansiedade social conhecida como generalizada é um subtipo associado a indivíduos que possuem um medo intenso de se sentirem humilhados ou analisados em um largo número de situações, como ao conversar com desconhecidos, chefes ou superiores de cargos do trabalho, até falar em grupos de pessoas conhecidas. O segundo subtipo existente, nomeada de diferentes formas por diversos autores, como “específico”, “execução” ou “subtipo não-generalizado”, está relacionado a indivíduos que temem a maioria dos cenários sociais, se restringindo a um ou dois acontecimentos específicos que foram ou podem vir a ser vivenciados.

Como mencionado e agrupado por Tavares (2011), alguns sintomas são frequentemente aparentes nos grupos de transtorno de ansiedade, como a sudorese, tensão muscular, desconforto gastrointestinal, palpitações e tremores. Porém, quando se trata da fobia social, esses sintomas somáticos estão relacionados com a antecipação da situação social, sua vivência em tempo real ou até mesmo a recordação de tal situação.

Dessa forma, indivíduos que sofrem com quadro de Transtorno de Ansiedade Social tendem a apresentar uma baixa autoestima e insegurança elevada, problemas esses que podem ser solo fértil para a obtenção de outras comorbidades psicossociais, como depressão e outros tipos de ansiedade. Sobre esse assunto, Burato *et al.* (2009, p. 168) elabora sobre os comportamentos auto exigentes, frequentemente visualizados em pacientes com TAS:

Os indivíduos com fobia social, tendem a ser mais críticos com relação a si e avaliam as situações com componentes mais negativos. Deste modo, ao fazerem as suas autoavaliações, fundamentam-se em julgamentos externos idealizados, baseados em comparações e avaliações de competência pessoal ou social associadas a um padrão elevado de exigência, favorecedoras de avaliações negativas.

O desenvolvimento do transtorno de ansiedade social é um quadro multifacetado, porém seu desenvolvimento possui uma grande influência de fatores ambientais e genéticos. A contribuição genética se dá em relação a passagem de características temperamentais, “em que o medo da avaliação negativa e a inibição comportamental são traços do indivíduo que podem caracterizar a predisposição ao TAS” (Dyanny *et al.*, 2019, p. 32). No entanto, os fatores ambientais também

desempenham um papel relevante, especialmente no que se refere a experiências traumáticas, precoces e abusivas.

Vários fatores condicionantes sociais e ambientais podem influenciar no desenvolvimento da TAS, como a convivência familiar disfuncional que pode auxiliar no desenvolvimento de inseguranças por parte dos filhos, onde “a observação de comportamentos ansiosos nos pais em situações sociais pode levar à aprendizagem que essas situações implicam ameaça e devem ser receadas” (Gouveia, 2000, p. 100), reforçando um ambiente de constante tensão e medo que irá se refletir nos padrões de comportamentos da criança ali inserida, sendo plano fértil para o surgimento da fobia social.

Outro fator condicionante para o desenvolvimento da fobia social são experiências traumáticas. Nesse sentido, Tavares (2011) em seu trabalho de dissertação faz menção aos estudos de Nutt e Balenga (2010), onde dois principais processos são destacados no papel de desenvolvimento de fobia social, sendo eles nomeados de: condicionamento direto e aprendizagem indireta ou observacional. O condicionamento direto está relacionado com situações sociais estressoras que foram experienciadas pelo indivíduo no passado, causando assim, uma previsão irreal sobre interações sociais futuras, trazendo sofrimento emocional para o sujeito.

Já a aprendizagem observacional, está envolvida na aquisição de medos sociais através da exposição e observação depois de ver outra pessoa sofrer experiências sociais traumáticas, provocando uma transferência de sentimento de insegurança, principalmente quando há uma repetição desses episódios. Dessa forma, mesmo sem vivenciar diretamente o evento traumático, o indivíduo pode internalizar o medo e desenvolver respostas de ansiedade diante de situações semelhantes, contribuindo significativamente para o surgimento e a manutenção da fobia social.

Entender o Transtorno de Ansiedade Social também é olhar para o quanto a pressão social, o medo do julgamento e a busca por aceitação influenciam a forma como as pessoas se sentem e se comportam. Muitas vezes, quem sofre com esse transtorno não tem apenas dificuldade em situações sociais, mas carrega uma história marcada por críticas, inseguranças e experiências negativas que reforçam a ideia de que não são bons o suficiente. Isso mostra que o problema não está apenas na pessoa, mas também no ambiente por ela experimentado ao longo de sua existência.

Relação entre Ansiedade Social e Bullying

O relatório da UNICEF (2011) aponta que cerca de um em cada sete jovens de 10 a 19 anos sofre de algum transtorno mental, representando 13% da carga global de doenças nessa faixa etária. A fase da adolescência é caracterizada pela vivência constante de desafios emocionais e sociais, nas quais o bullying pode ser um fator que provoca ou intensifica a ansiedade social. Consoante a isso, Silva *et al.* (2024, p. 1965) comenta que, “partindo dessa compreensão, é evidente que o adolescente é um público predisposto ao desenvolvimento de ansiedade. Esta

psicopatologia é grave e pode influenciar no desenvolvimento e/ou agravamento de outras patologias de caráter psicológico ou não”.

Apesar dos diversos estudos que são realizados sobre o bullying e a ansiedade social, e como estes impactam no desempenho social, psicológico e cotidiano de um sujeito, poucas são as associações feitas entre os dois assuntos. Mesmo possuindo relações significativamente parecidas e relevantes, a ausência de relações entre esses dois conteúdos perpetua uma lacuna no entendimento de seus efeitos psicossociais, proporcionando uma carência de visibilidade que precisa ser saciada.

Os sintomas da ansiedade social são especialmente observados na adolescência, sendo essencial para a construção da identidade, como já mencionado anteriormente. Quando esse processo é marcado por experiências de bullying, como exclusão, agressões verbais ou físicas, o adolescente pode desenvolver mecanismos de evitação como forma de autoproteção, afastando-se de interações sociais por medo de novas agressões.

Assim, é entendido que:

A exposição ao Bullying é um preditor para Fobia Social e agorafobia por desencadear altos índices de ansiedade. Independentemente de outros fatores de risco na infância, a exposição ao Bullying torna-se especialmente preditivo dos mais altos níveis de estado geral de ansiedade e com tendência a expressar externamente ansiedade quando está sob estresse (Gladstone *et al.*, 2006 *apud* Tavares, 2011, p. 25).

A partir disso, é notório que o indivíduo tende a expressar ansiedade de forma visível. Os impactos do bullying não se limitam apenas ao subjetivo, mas também afetam o comportamento observável e a capacidade de interação social dos adolescentes, tornando-se uma barreira para sua integração no ambiente escolar e social.

Além disso, ao revisar a literatura, é possível também constatar os efeitos sentidos a longo prazo por indivíduos que vivenciaram algum tipo de violência moral dentro do ambiente escolar, e como essas experiências impactam na forma de enxergar e interagir com o mundo ao seu redor, principalmente no que tange o desenvolvimento de uma fobia social.

Desse modo, mesmo com as poucas pesquisas sobre a relação do bullying e a ansiedade social (TAS):

As possíveis explicações para os condicionantes da ansiedade social nos fornecem informações que vão ao encontro do objetivo deste estudo, de que estressores sociais violentos na adolescência, como o bullying praticado entre pares, podem aumentar a chance de o sujeito apresentar ansiedade social na idade adulta. Alguns autores têm pesquisado este tema (Caballo *et al.*, 2011a; Caballo *et al.*, 2011b; Calderero *et al.*, 2011; García-López *et al.*, 2011; *apud* Lourenço *et al.*, 2021, p.128), e

têm apontado para o fato de que as situações sociais ruins a que são expostos os alunos quando dá prática do bullying, podem gerar altos níveis de temor por parte das vítimas, o que constitui uma característica do TAS (Calderero *et al.*, 2011 *apud* Lourenço *et al.*, 2021, p.128).

Ainda, Lourenço (2021) em seus estudos e pesquisa com indivíduos que passaram por quadros de bullying na escola, evidenciou como os impactos sentidos na infância e adolescência causados pelo bullying, sem o entendimento e manejo no tratamento psicológico adequado, podem se perpetuar com o passar dos anos, influenciando significativamente sua atuação diária, como a dificuldade de comunicação com outras pessoas em locais coletivos e seu respectivos desempenhos na socialização.

Desse modo, jovens que sofrem bullying frequentemente demonstram sintomas de ansiedade social (TAS), os quais, como mencionado anteriormente, são marcados por um medo extremo de serem julgados negativamente e por dificuldades nas relações interpessoais. Esses indivíduos podem mostrar indícios como solidão, falta de confiança, autoestima reduzida e um rendimento escolar comprometido. Assim, algumas revisões bibliográficas evidenciam que ser vítima de bullying está associado a um aumento nos sintomas de ansiedade, depressão, estresse, e também à ideação suicida (Pimentel *et al.*, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou compreender de que forma o bullying pode influenciar no desenvolvimento da ansiedade social em adolescentes, refletindo sobre os impactos psicossociais dessa relação no ambiente escolar. Inicialmente, foi apresentado o conceito e a trajetória histórica do bullying, contextualizando sua relevância como fenômeno que afeta diretamente o bem-estar emocional dos jovens. Foi possível perceber que, mesmo sendo uma prática antiga, o bullying só recentemente passou a ser tratado com seriedade pelas instituições escolares, e que sua abordagem ainda encontra desafios na efetivação de políticas preventivas e de enfrentamento. Por conseguinte, foi analisado o Transtorno de Ansiedade Social (TAS), com destaque para seus principais sintomas, manifestações e impactos durante a adolescência. Compreendeu-se que a fase escolar torna-se ainda mais desafiadora para os adolescentes que apresentam sintomas de ansiedade social, especialmente quando submetidos a situações de violência psicológica como o bullying. Por fim, foi analisada a possível relação entre bullying e ansiedade social e como esses dois fatores impactam na vida desse adolescente, podendo ainda trazer futuros problemas na sua vida adulta. Embora existam poucos estudos que tratem desses dois temas em conjunto, as evidências levantadas neste trabalho apontam que o bullying pode ser tanto um fator desencadeante quanto agravante de quadros de ansiedade social em adolescentes.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION *et al.* **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.** Artmed Editora, 2014.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 22 mar. 2025.

BURATO, Kátia Regina da Silva; CRIPPA, José Alexandre de Souza; LOUREIRO, Sonia Regina. **Transtorno de ansiedade social e comportamentos de evitação e de segurança: uma revisão sistemática.** Estudos de psicologia (Natal), v. 14, p. 167-174, 2009.

DE LIMA, Maria Inês Leite; DE CARVALHO, Agenor Francisco. Docência e suas Práticas Pedagógicas: Ações de Enfrentamento de Casos de Bullying na Escola Municipal de Ensino Fundamental “Joaquim Vicente Rondon”. **Revista Psicologia & Saberes**, v. 9, n. 19, p. 98-122, 2020.

DYANNY, Dyanny Kerolein dos Santos Francisco; JAQUELINE, Jaqueline Duque Kreutzfeld Toledo; FRANCESA, Francesca Stephan Tavares. Adversidade da Ansiedade Social Aplicada na Fase da Adolescência. **Revista Científica UNIFAGOC-Multidisciplinar**, v. 4, n. 1, 2019.

FIOCRUZ. **Bullying - Sala de convidados.** YouTube, 7 de novembro de 2019. 56min56s. Disponível em: <https://fiocruz.br/video/bullying-sala-de-convidados>. Acesso em: 21 fev. 2025.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). **Situação mundial da infância 2011: Adolescência: uma fase de oportunidades.** UNICEF, 2011. Disponível em: https://andi.org.br/wp-content/uploads/2020/10/br_sowcr11web.pdf. Acesso em: 22 fev. 2025.

GOUVEIA, José Pinto. **Ansiedade social: Da timidez à fobia social.** 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa nacional de saúde do escolar: Análise de indicadores comparáveis dos escolares do 9º ano do ensino fundamental - Municípios das Capitais - 2009/2019.** Rio de Janeiro, 2022.

LOPES NETO, Aramis A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de pediatria**, v. 81, p. s164-s172, 2005.

LOURENÇO, LELIO MOURA *et al.* **Bullying e Transtorno de Ansiedade Social: Relatos retrospectivos.** Estudos Contemporâneos Sobre Violência e Agressividade Humana, 2021.

MATOS, Margarida Gaspar de; GONÇALVES, Sónia M. Pedroso. **Bullying nas escolas: comportamentos e percepções.** Psicologia, saúde & doenças, p. 3-15, 2009.

PIMENTEL, Fernanda De Oliveira; DELLA MÉA, Cristina Pilla; DAPIEVE PATIAS, Naiana. **Vítimas de bullying, sintomas depressivos, ansiedade, estresse e ideação suicida em adolescentes.** Acta Colombiana de Psicología, v. 23, n. 2, p. 230-240, 2020.

SILVA, Thaize Aires de Souza e *et al.* **Bullying e violência nas escolas - Impactos psicológicos e estratégias para intervenção: Revisão crítica.** In: SILVA, Thaize Aires de Souza e *et al.* A práxis do psicólogo na escola. 1 ed. Digital: Editora Científica Digital, 2024. p. 95-110. Disponível em: <https://www.editoracientifica.com.br/books/a-praxis-do-psicologo-na-escola>. Acesso em: 22 de fev. 2025.

TAVARES, Francesca Stephan. **Estudo compreensivo da associação entre bullying e ansiedade social.** 2011.